

São Paulo abre suas coxas

por Ignácio de Loyola Brandão*

Um helicóptero sobrevoa a cidade que amanece, meio encoberta por uma nuvem de poluição. Não, não é *A Doce Vida*, mas bem poderia ser, a cidade merece/precisa de um/cem filmes como o de Fellini, ninguém ainda se aventurou. Um dia/muitos dias na cidade 2001.

Fila de aposentados para receber salário no banco.

Fila de mães na porta de uma escola que anuncia abertura de matrículas. Estão sentadas na sarjeta, em cadeiras, enroladas em cobertores, dormitando.

Prédio com estrutura de ferro sendo erguido.

Mansão sendo demolida.

Detentos se rebelam no Carandiru, PM do Choque aguarda para entrar.

Tenistas jogam no Paulistano, no Pinheiros, na Hebraica, no Tietê.

A menina que ganha 10 reais por dia agitando bandeiras de um político tira o celular do bolso e conversa.

Na rua Oscar Freire, a socialite, conduzida pelo motorista, conversa ao celular.

Fila para entrar na Mostra do Redescobrimento.

Manobristas recebem carrões nas portas de restaurantes, boates, clubes.

Vendedores de cruzamento oferecem flores, antenas, porta-celulares, ferramentas, bonecas, preservativos, cremes de bronzear, água mineral.

Mão com a arma na janela do carro no cruzamento.

Adolescentes de skates, manobrando perigosamente entre veículos, descem ladeira asfaltada.

Outdoors mostram a última garota sexy de *Playboy*. Nua.

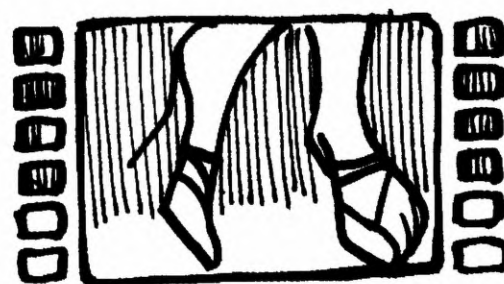
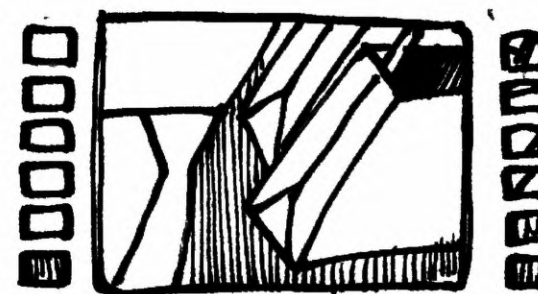
Um corpo bóia no Tietê. Urubus rondam.

Ray Charles canta no Ibirapuera para 150 mil.

Equipe de TV entrevista executivo na entrada de sua empresa.

Manifestantes diante da Bolsa protestam contra privatizações.

Motoboy nervoso costuram em meio ao trânsito quebrando retrovisores.



Is para o cineasta ousado

Terminal rodoviário superlotado, pessoas se amontoam com malas, maletas, sacos. Jovens de mochilas às costas.



Prato sendo pesado no restaurante a quilo.

Padre Marcelo canta e dança com suas orelhas de abano para multidão de 500 mil. Fiéis choram. Rezam. Agitam os braços. Riem. Gritam

Pastores exorcizam o mal pela televisão.

TV a cabo. Shop Tour. Shop Time. Compre, comprem, comprem.

Nas vitrines: Sales, Sales, Promotion, Off.

Pênalti vai ser batido no campo de várzea.

Briga de rua, gritos. Terrenos baldios, mar de telhados de zinco e Eternit da periferia.

Roupas para secar nas janelas de apartamentos no centro velho da cidade

A cor ocre que tem São Paulo do alto, vinda das paredes sem acabamento, sem reboco. O deserto, a ausência de verde.

Esgotos correndo pelo meio das ruas sem calçamento. Água podre descendo para os mananciais que alimentam as represas.

Gisele Bündchen desfila nas passarelas do São Paulo Fashion Week.

Garotos se depilam nos institutos, a última moda é corpo sem pêlos.

Homens e mulheres, jovens e crianças malham, malham nas academias, pesos sobem e descem, pés pedalam, olhos ansiosos nos relógios controladores de pressão, batidas cardíacas.

Operário manobra britadeira no asfalto.

Roda de um carro cai no buraco do asfalto.

Crianças e cachorros se misturam no banco traseiro de um carro. Uma babá bem vestida no banco da frente. Janelas fechadas.

Todas as janelas de todos os carros estão fechadas, pessoas suam no interior.

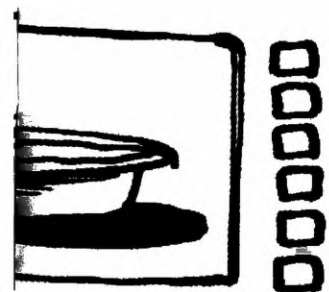
Nas farmácias, prateleiras colossais ostentam vitaminas americanas, vitamina A, B, C, D, E, Z, todas, pílulas contra estresse, depressão, impotência.

Receitas de Prozac sendo aviadas. Receitas de medicamentos para emagrecimento.

Metrô chegando na Sé, o aperto, sufoco, malandros encoxando moças, corpos suados, corpos cansados, gente dormindo.

Caetano Veloso canta para 150 mil no Parque do Ibirapuera.

Corinthians entrando em campo. Chaminés



das churrascarias rodízio. Feiras, bancas de pastel, caldo de cana, mate.

Van nas esquinas vendem X-burg. Cartaz: REFRI a 1 real. Palavras que surgem. Pizza. Pizza delivery. Pizza rodízio. Pizza de banana. Pão de queijo.

Aviões subindo em Congonhas. Ponte Aérea. Filas de passageiros. Celulares acionados.

Outdoors anunciam cervejas. Loiras, bundudas, peitudas, coxudas nos convidam a tomar cerveja. Cachorros abanando os rabos também.

As imagens se sucedem.

Se multiplicam. São Paulo não tem unidade, nem ponto de referência. Viver nela é viver dentro de um videoclipe alucinante. Cada imagem é uma/20 histórias. Cada imagem pode envolver/criar um, dois, 20 personagens. Onde estão os roteiristas que buscam essas histórias por trás do que o cotidiano oferta com generosidade? Em São Paulo não é preciso imaginação, basta um razoável talento de observação. Ter os olhos abertos, a sensibilidade aguçada.

Andar, andar, andar. Olho-câmera. Voltamos aos princípios de Dziga Vertov, que todos pensam ser tão antigo.

A cidade provoca, penetra, nos excita. Onde estão os cineastas que fizeram ficção/documentário do Carandiru? (Quantos filmes americanos vimos sobre San Quentin, Alcatraz, Sing Sing? Centenas. O cinema americano aproveitou o jornal, a literatura, o olhar agudo e, bem ou mal, transformou tudo em filme, e a imagem do país se moldou por meio do cinema). E São Paulo que nos sufoca com imagens e situações?

Tão poucos os nossos cineastas que se ocuparam do urbano, do paulistano, da paulistanice, do paulistanês. Um chopes, um pastéis. Um póça. Quantos personagens tomam café na padaria, essa instituição? Quantos amores, temores, transas aconteceram no Parque do Ibirapuera, no Parque do Carmo, no Parque Villa-Lobos? O motoboy maníaco nunca mereceu um filme? Em outras décadas, Promessinha, o bandido, se tornou o filme *Cidade Ameaçada*, um sucesso, um cinema com a cara da cidade. E *O Bandido da Luz Vermelha* não se tornou um clássico. Sganzerla penetrou a cidade com sua câmera, sua divina loucura. Só Candeias se aventurou no Tietê com *A Margem?*

Cidade quase virginal em cinema. Sacanagens e ternuras, agressões e beijos, Bufonismo, histrionismo, patetismo, comédia, tragédia, conflito, risos, tecnologia e primitivismo para a câmera desfrutar, sugar, recolher, retirar. Quem aperta o start?

Publicidade imobiliária em jornais. Meninas agitam bandeirantes oferecendo flats, condomínios, suítes, são as imobiliétes.

Casas populares, Cingapuras. Bocas lambendo sorvetes.

Mulheres nas piscinas do Paulistano ou do Sesc, do Corinthians. Garotos se jogando em águas poluídas de lagoas. Praticando rapel nos viadutos, escalando fachadas de prédios.

Barcos na represa Billings, em Guarapiranga. Jet skis. Lanchas puxando esquiadores. Carros blindados com vidro fumê. Casas atrás de grades. Bares atrás de grades, jaulas. Grades, jaulas, grades.

Um refletor poderoso acende na entrada da

garagem de um prédio de luxo iluminando carrão que entra.

Deficiente físico subindo num ônibus.

Cartazes de cinemas bregas, vazios. Cinemas pornô, teatro de sexo explícito, uma mulher coxuda e bunduda e um cara com um pau descomunal fingem orgasmos.

Mulheres comungando.

Meninas brincam com Barbies deslumbrantes em quartos fechados por grades.

Gente, à noite, distribuindo comida e cobertores aos sem-teto debaixo dos viadutos, deitados nas calçadas, sob as marquises.

Anúncios luminosos, eletrônicos, imagens velozes, loucas, super-coloridas confundem a vista, oferecendo produtos e produtos e produtos. Qual era o produto mesmo?

Nas calçadas, bancas de CDs pirateados, vídeos pirateados. Camelôs, camelôs até onde a vista alcança. Suas bancas são muralhas.

Torcidas de futebol brigando, um torcedor sendo massacrado, jogadores em campo peitam um juiz que se afasta com o cartão vermelho nas mãos.

Orquestra Sinfônica toca no Ibirapuera para 150 mil.

Ritmo veloz, edição acelerada. Chuvas. Ruas inundadas, casas inundadas, carros boiando, pessoas se agarrando aos postes, sendo salvas, criança afogada, mães gritando. Um casal se beija numa esquina. Uma boca sem dentes gargalha. Mulheres maravilhosas sorriem anunci-

ando produtos. Qual produto mesmo? Agências de carros importados. Seguranças armados na porta. Bancas de frutas, de legumes, de verduras no Ceagesp. Flores do Arouche, da Doutor Arnaldo. Trens de subúrbio lotados, vitrines de lojas de R\$ 1,99. O casal trepa num beiral escondido.

Sucessão de letreiros de bancos. Citi, Boston, London, Sumitomo, Banespa, Bradesco, Itaú. Computador piscando. Mouses acionados. Dinheiro sendo sacado de caixas eletrônicos, cartões de crédito sendo passados em maquinas. Sebos de livros. Máquinas de churrasco grego rodando. Televisão de cachorro exibindo frangos dourados. Masp, MAM, Pinacoteca. Igreja de São Cristóvão, filas de motoristas para receber a bênção do santo. Fábrica de ladrilhos hidráulicos perto da Luz, operários cobertos de pó de cimento, como um povo medieval.

Caminhões sendo carregados no Mercado Central. Casamento de Fábio Júnior e Patrícia de Sabrit. Convidados chiques/bregas. Terrenos cheios de sucata. Hebe Camargo entrevistando a miss que fez dezenove plásticas. Silvio Santos jogando dinheiro como aviõezinhos.

Homens cansados puxando carrinhos de mão pesados, carregados com ferro-velho, com jornais e garrafas. Casas de autopeças na Duque de Caxias. Lojas de lustres na Consolação. Aluguel de fraques, vestidos de noiva, smokings. Fotógrafos clicando manequins anoréxicas no meio da rua.

Lixeiros correndo e atirando sacos plásticos para dentro dos caminhões, na madrugada. Na Bolsa de Valores, os corretores, histéricos, gritam e agitam, compram e vendem.

Marginais lotadas. Congestionamentos na Paulista, na Avenida Brasil, na 23 de Maio, em toda parte. Um homem fuma o charuto e solta baforadas pela janela. Um carro com seguranças atrás de um Mercedes Benz negro. Celulares nervosos, celulares nas mãos do rico, do médio, do remediado, do favelado, do cambista do bicho, do traficante. Cracolândia. Garotos de ares esgazeados fumando.

Caminhões, caminhões, muralhas de caminhões.

Guindastes de construções.

Sessão espírita, procissão católica, sermão da igreja Universal. Estacionamentos lotados. Trólebus anacrônicos. Fura-filas. Corredores de ônibus. Free shop lotado, carrinhos de passageiros em fila. Sacolões, supermercados, hipermercados. Flanelinhas atacam. Rota passando.

Anjos de pedra nos túmulos dos cemitérios. Programa do Ratinho/ratão, da Ana Maria Braga/Praga, da Luciana Gimenez, do Gugu.

Um cardápio de restaurante francês.

Lojas de decoradores mostrando sofás de preços astronômicos, mesas com preços astronômicos, cortinas, colunas, objetos inúteis, lustres art déco, luminárias/preços astronômicos.

Lotérica, mega sena, super sena, quina, Baú da Felicidade, Show do Milhão. Olhares esperançosos, Porta da esperança (nenhum cineasta passou por ela), Namoro na Têvê, cambistas nas portas dos teatros, dos estádios. Gente deitada em gramados. A paz do final de semana. O céu estrelado.

Feira da Praça Benedito Calixto, do Masp, do Bixiga, da Liberdade. O design de hoje é a antiguidade de amanhã. Um uísque. Um alemão vociferando. A máfia chinesa executando. O forró (pode ser ao som de Elba ou Dominginhos) fervendo às três da manhã. Ecstasy, Red Bull. Orelhões sendo depredados.

Uma cortina agitando suave na brisa da madrugada. O sol nascendo. Ruas desertas. Um carro de polícia, policiais sonolentos dentro. Silêncio sobre a cidade que acorda.

Uma loira, quarentona de olhar cansado dormita esperando o sinal abrir. Filas de operários entrando nas fábricas. Gente comprando pão e leite nas padarias, tomando café, média. O jornaleiro recebe repartes do dia. Uma rave ferve. Um helicóptero ronda os céus transmitindo o tempo para hoje. Outro helicóptero fala do trânsito. Luzes de rua se apagam. Travestis cansados encostam-se nas paredes grafitadas. Televisões iniciam os jornais da manhã. Prostitutas velhas entram em portas apodrecidas, janelas se fecham, cachorros latem. Sinos. A rave continua a ferver, uma latinha de Red Bull é entornada goela abaixo.

São Paulo espera o seu cinema. Quer os seus cineastas. Abre seus temas. Cidade semi-virgem, só deixou colocar nas coxas, até agora. Ninfomaníaca quer que muitos a penetrem. Suporta, precisa.

**Ignácio de Loyola Brandão, 64 anos, escritor e jornalista, tem toda sua literatura urbana baseada em São Paulo. Autor de 21 livros, o mais recente é O Homem que Odiava a Segunda-Feira. Foi crítico de cinema do jornal Última Hora, desistiu.*